

**MENTE HUMANA: UM ESTUDO COMPARATIVO INICIAL ENTRE A CIÊNCIA COGNITIVA OCIDENTAL E A MEDICINA TRADICIONAL CHINESA****Roberto Pacheco¹****Leandro Alberto Grassi²****RESUMO**

Esse artigo de revisão discute a mente humana nas visões da Ciência Cognitiva Ocidental (CCO) e da Medicina Tradicional Chinesa (MTC), buscando fazer uma análise comparativa capaz de contribuir para os debates acerca do conceito de mente humana. Constatou-se que, na visão da CCO, mente é teorizada a partir da noção cognitivista, conexionista e da enacção. Na MTC, não existe uma palavra para designar mente, sendo que *Shen* é utilizada no Ocidente como sinônimo desta. As principais diferenças da MTC para a CCO são de que *Shen* (mente) não significa oposição ao corpo e, também, não implica em uma relação de causalidade direta com o encéfalo. Mente, para a CCO, e *Shen*, para a MTC, podem se referir ao(s) mesmo(s) fenômeno(s), mas envolvem observações e experiências diferentes sobre este(s).

Palavras-chave: Mente. Medicina Tradicional Chinesa. Ciência Cognitiva Ocidental.

¹ Fonoaudiólogo. Mestre em Ciências da Linguagem. Especialista em Terapêutica Tradicional Chinesa pela Universidade do Sul de Santa Catarina – 2011.

² Enfermeiro. Especialista em Terapêutica Tradicional Chinesa pela Universidade do Sul de Santa Catarina - 2011.

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo de revisão aborda, resumidamente, a questão da mente humana nas perspectivas da Ciência Cognitiva Ocidental e da Medicina Tradicional Chinesa, com objetivo de realizar um estudo comparativo inicial que seja capaz de contribuir para os debates acerca do conceito de mente humana e suas implicações nas diferentes áreas.

Do ponto de vista teórico, esse artigo foi orientado, sobretudo, por quatro fontes:

- a) O artigo de Junior (2006), que discute, com propriedade, o conceito de mente na perspectiva ocidental, fundamentado em diferentes autores.
- b) O estudo de Pacheco (2004), na área da afasiologia, que sintetiza as diferentes abordagens cognitivistas ocidentais (cognitivismo, connexionismo e enaccionismo).
- c) Os trabalhos de Maturana (2001 e 2002), que abordam a cognição humana de forma ampla e crítica.
- d) O artigo de Ferreira e Luz (2007), que fundamentado em diferentes autores, discute, com profundidade, o conceito de *Shen* (mente) como uma categoria da racionalidade médica tradicional chinesa.

O principal problema filosófico acerca do conhecimento sobre a mente humana é o seu próprio conceito, ou seja, o que é a mente humana? Tal problema tem gerado diferentes teorias e influenciado diversos estudos sobre a organização e o funcionamento mental nas ciências da linguagem, da educação e da saúde.

No campo da Linguística, a compreensão *do que é e como funciona* a mente humana permite avançar na compreensão, por exemplo, da arbitrariedade e diversidade dos signos linguísticos, uma vez que o ato de escolher determinados símbolos orais e escritos para designar determinadas coisas ainda é uma incógnita.

Na saúde, o estudo sobre a mente permite repensar os processos de diagnóstico, avaliação e tratamento de transtornos cognitivos, das doenças mentais e da deficiência mental, para fazer com que estes processos tornem-se cada vez mais eficientes.

Na educação, o aprofundamento do conhecimento sobre a mente humana amplia as possibilidades de entender como a informação é processada, como aprendemos e, conseqüentemente, quais são os melhores métodos para ensinar.

Nesse contexto, Junior (2006) comenta que compreender a mente humana possibilitaria:

[...] a solução do problema lingüístico entre as nações: o por que determinada língua usa tal ou tal som para indicar algo e, outra, um outro; o problema das neuropatologias; as relações da mente sobre o corpo nas áreas de psicossomatização; o desenvolvimento de novas terapias, menos agressivas à saúde de pacientes acometidos por doenças várias; o problema da possibilidade do conhecimento, da educação, dos processos bioéticos; a recuperação de lesões e outras. (JUNIOR, 2006, p.1).

Esse mesmo autor, fundamentado em dicionários de diferentes línguas e dicionários técnicos de Filosofia e de Psicologia, pesquisou o significado da palavra mente em diferentes culturas e concluiu que:

a) Em português - a palavra tem origem no latim e significa intelecto, pensamento, entendimento, espírito.³

b) Em francês - existem três palavras para designar mente. A primeira é *sprit*, que significa espírito, alma, faculdade de conceber de um modo vivo e rápido e de se exprimir de uma maneira engenhosa e picante. A segunda é *ame*, significa alma, espírito, vida. A terceira é *idée*, significa ideia, imagem e recordação.⁴

c) Em esperanto (Idioma Internacional Neutro) - existem três palavras para designar mente, ou seja, *menso*, *intelekto* e *imago*. *Menso* significa mente, entendimento e espírito, no sentido da parte pensante do espírito ou ainda intelecto que contrasta com o corpo. *Intelekto* é uma palavra relacionada à inteligência, ao intelecto, às faculdades intelectuais e mentais. *Imago* significa imaginação no sentido mais amplo do que fantasia, à qual tem apenas alguma qualidade de espécie de imagem⁵.

d) Em inglês - mente chama-se *mind*, ou seja, espírito (como intelecto), mente, cérebro, pensamento⁶.

e) Em grego - não existe uma palavra específica para mente, mas o dicionário indica, como alternativa, a palavra inteligência, cujos sinônimos são as palavras *diánoia(as)*, *noûs(ou)*, *sýnesis* e *pneyma(atos)*. A palavra *noûs(ou)*, por exemplo, significa inteligência, pensamento, reflexão⁷.

³ Conforme SÉGUIER, LELLO & LELLO, 1966.

⁴ Conforme VINHOLES, 1950.

⁵ Conforme com BRAGA, 1965.

⁶ Conforme HOUAISS & CARDIN, 2002.

⁷ Conforme PEREIRA, 1990.

Nesse sentido, Junior (2006) concluiu que mente pode ser analisada em nove sentidos básicos: intelecto, pensamento, entendimento, espírito/alma, vida, ideia/imaginação⁸, memória, intencionalidade e aparelho fisiológico corporal, isto é, o encéfalo.

A nosso ver, com objetivo de facilitar a nossa reflexão, esses sentidos da palavra mente podem ser agrupados em três grandes categorias⁹. Desta forma, mente significa:

a) Função mental ou cognitiva básica – intencionalidade, memória, inteligência, pensamento, entendimento e ideia. Estas, são funções biológicas que, através da interação social, permitem o desenvolvimento biopsicossocial do ser humano.

b) Vida – nesse caso, o termo vida pode ser interpretado em seu sentido mais amplo, desde a condição de oposição à morte (estar respirando, animado) até a forma do ser humano viver o seu dia a dia.

c) Órgão humano – no sentido de que a mente encontra-se em relação de causalidade direta com o encéfalo, ou seja, de que a mente depende do encéfalo.

Nesse sentido, podemos dizer que a mente humana envolve uma variedade de situações, manifestações, estados, funções. Dito de outra forma, a mente envolve desde a condição de estar vivo até a condição de ter consciência sobre si e as demais coisas do universo.

Damásio (2000) discute com profundidade estes estados de consciência da mente humana, colocando-as como consciência central ou básica e ampliada. Consciência central envolve o estado de vigília, emoção de fundo (como, por exemplo, o bem ou o mal-estar) e atenção básica. Já a consciência ampliada está relacionada com emoções específicas, atenção focalizada, comportamentos ou sequências de ações e relatos verbais.

No contexto dessa discussão, surge a seguinte questão, estamos conseguindo definir o que é mente ou seus efeitos, qualidades e manifestações. Por exemplo, a mente é pensar ou o pensar é apenas uma manifestação da mente? Mente é a vida ou a vida é apenas um estado da mente?

Dessa forma, apesar dos vários conceitos não existe uma compreensão clara ou consensual do que, afinal, é a mente humana.

⁸ O autor destaca que os termos estão divididos por barras porque existe uma aproximação, porém não são sinônimos.

⁹ Essa categorização é apenas uma forma didática de mostrar que a mente humana pode ser compreendida como algo no plano biológico e social.

Com base nos conceitos de mente apresentados até o momento, a Ciência Cognitiva Ocidental desenvolveu diferentes abordagens teóricas para explicar a localização e a organização da mente no ser humano, conforme apresentado a seguir.

2 A MENTE HUMANA NAS DIFERENTES ABORDAGENS DA CIÊNCIA COGNITIVA OCIDENTAL

Pacheco (2004, p. 61) comenta que tanto na ciência cognitiva quanto na experiência humana cotidiana, sobretudo, na cultura ocidental, o conceito de mente está fundamentado na dicotomia entre ser humano e meio. Assim, mente tem a ver com um conjunto de elementos (linguagem, memória, inteligência, entre outros) que são, em síntese, uma abstração, uma representação do meio. Em outras palavras, mente é a internalização do mundo externo que é conservada em nossa estrutura orgânica (encéfalo).

Dessa forma, tradicionalmente, defende-se que a mente é organizada e conservada no nosso encéfalo, caracterizando uma relação de causalidade direta. Isso significa, na ciência cognitiva ocidental, que compreender a mente pressupõe compreender o encéfalo, conforme comentam Varela, Thompson e Rosch (1991):

[...] outras e mais notórias formas de Ciência Cognitiva partem do ponto de vista de que a cognição e a mente se devem inteiramente às estruturas particulares dos sistemas cognitivos. A expressão mais óbvia deste ponto de vista encontra-se na Neurolingüística, onde a cognição é investigada através da observação das propriedades do cérebro. (VARELA, THOMPSON e ROSCH, 1991, p. 33).

Com base nessa relação, mente-encéfalo, a Ciência Cognitiva desenvolveu três diferentes concepções sobre a mente humana, que de alguma forma, correspondem ao próprio avanço da Ciência Cognitiva Ocidental:

a) **Cognitivismo** - pode ser considerado o núcleo da Ciência Cognitiva, entende a cognição como representação mental que se efetiva no encéfalo, havendo áreas específicas para de-

terminadas representações. Dito de outra maneira, a mente humana é constituída da operação de símbolos que representam características do mundo.

b) **Emergência** ou **conexionismo** – analisa a mente como processamento simbólico através de operações que se estendem por uma ampla rede neuronal, repleta de componentes interligados. Desta forma, o conexionismo é contrário à noção de que a mente envolve representações do mundo que ficam armazenadas em determinadas áreas encefálicas, caracterizando uma visão localizacionista (conforme a abordagem anterior). O conexionismo defende a ideia de *neuroplasticidade*, que de forma genérica, significa a capacidade de uma determinada região do sistema nervoso aprender a executar a função de uma outra região que foi lesada.

c) **Enação** – questiona a centralidade da noção de representação e de funcionamento neuronal no estudo da cognição. Em resumo, defende a tese de que a cognição resulta em uma história de variedade das ações que um ser executa no mundo. Nesse sentido, Maturana (2001) defende que somos humanos no viver humano e é nesse viver que, no dia a dia, distinguimos quando falamos de psíquico ou mente. Ou seja, a mente está no campo das condutas relacionais e não na estrutura do sistema nervoso central.

Assim, segundo esse autor:

Se prestarmos atenção por um momento ao nosso viver cotidiano, notaremos que cada vez que falamos de mental, psíquico ou da alma nos referimos a um modo de ser, a uma forma de viver, a uma maneira de nos relacionarmos com os outros, com o mundo ou com nós mesmos. Assim falamos cotidianamente do que nos acontece ao falarmos do psíquico, do mental ou do espiritual, fazendo uma distinção reflexiva sobre como estamos em nosso viver na relação. (MATURANA, 2001, p. 108).

De uma forma geral, nessa perspectiva, o ser vivo existe em dois domínios:

- a) O domínio de sua composição biológica, onde o funcionamento é fechado, autopoietico¹⁰, ou seja, cego para o mundo social.
- b) O domínio de sua composição social, onde os seres vivos surgem como totalidades, como “seres mentais”. É nesse domínio que o modo de viver ou a congruência entre meio e ser vivo vai se constituindo.

¹⁰ Na teoria de Maturana e Varela, autopoiese significa pensar o ser vivo como uma dinâmica molecular fechada, circular, capaz de se auto produzir, e não como um conjunto de moléculas. (MATURANA 2001 e 2002)

Dessa forma, na abordagem da enacção a mente não é uma forma de representar o que é externo, porque o nosso sistema biológico é autopoietico. Pode-se dizer que a mente é apenas um fluir de condutas consensuais e recursivas que permitem configurar a nossa experiência. (MATURANA, 2001, p 28-29).

Em resumo, pode-se dizer que a visão representacionista e conexionista partem do mesmo princípio, de que a mente opera no encéfalo, permitindo que o ser humano tenha consciência das coisas do mundo. Porém, na primeira visão, essa operação visa representar internamente as coisas externas, de forma localizada (por exemplo, a linguagem expressiva é representada na região frontotemporal esquerda do encéfalo). Ao contrário, no conexionismo, a operação mental não é localizada e tampouco uma mera cópia do mundo externo. Diferente da visão representacionista e conexionista, a visão da enacção questiona a centralidade da noção de representação como sendo a mente e do encéfalo como sendo o local que a abriga. Nesse sentido, opta em entender a mente como um estado originado primariamente no viver humano, ou seja, a nossa mente é o nosso viver, a nossa forma de incorporar as coisas do mundo.

Com base no que foi exposto até o momento, apesar dos diferentes conceitos e teorias, pode-se resumir que na visão cognitivista ocidental representacionista e conexionista predomina a forma dicotômica de pensar, fazendo com que mente esteja sempre em oposição a alguma coisa, por exemplo:

- a) Dicotomia externo/interno - o mundo é externo ao ser humano e a mente é uma representação ou reconstrução interna.
- b) Dicotomia corpo/mente - a mente está dentro do corpo, localizada no encéfalo.
- c) Dicotomia corpo/espírito - o espírito faz parte da mente e não do corpo.
- d) Dicotomia vida/morte - a presença de consciência (mente) caracteriza a existência de vida, enquanto a sua ausência caracteriza a morte.

Nesse sentido, Pacheco (2004) comenta:

A noção dualista corpo/mente como coisas interligadas que permitem a vida, de alguma forma, estimula a crença de que o corpo (como algo visível, concreto) abriga a mente (conjunto de coisas subjetivas) no seu sistema nervoso central, que por sua vez é subentendido, cotidianamente, como sistema mais complexo do ser humano. (PACHECO p.80).

Outra questão fundamental na visão da Ciência Cognitiva Ocidental é que a mente não é uma coisa, mas um conjunto de manifestações, associadas, ao mesmo tempo, à estrutura e ao funcionamento do encéfalo e a vida social.

Dessa forma, ao pensarmos em como a mente humana pode ser preservada ou tratada, iremos buscar respostas tanto no encéfalo (na sua estrutura ou funcionamento) quanto na forma do ser humano viver. Até certo ponto, isso parece óbvio, ou seja, o desenvolvimento ou a saúde mental do ser humano necessitam de uma estrutura e de um funcionamento encefálico adequado e da qualidade de vida.

Entretanto, se indagarmos, por exemplo, por que existe essa relação de causalidade direta entre o encéfalo ou a forma de viver e a mente, pode-se chegar a duas importantes questões, quais sejam:

- a) De que essa relação não passa de uma escolha filosófica ou científica, assim sendo, poderíamos escolher qualquer outra relação de causalidade.
- b) De que essa relação é apenas o recorte de uma totalidade, ou seja, outros órgãos (além do encéfalo) e outras condições (além da forma de viver) poderiam estar envolvidas na constituição e no desenvolvimento daquilo que denominamos mente.

Nesse sentido, vamos discutir, a seguir, a mente na perspectiva da Medicina Tradicional Chinesa.

3 MENTE (*SHEN*) NA PERSPECTIVA DA MEDICINA TRADICIONAL CHINESA

Na Cultura Chinesa não existe uma palavra para representar o que denominamos como mente. Porém, o conceito *Shen* (神) foi ocidentalizado como sendo sinônimo da palavra mente ou cognição.

Segundo Wilder e Ingram (1974, p.79) *apud* Ferreira e Luz (2007), a parte esquerda do ideograma *Shen* corresponde ao radical *Shi*. Na forma original, este radical significa ‘revelar’, utilizado para denotar coisas espirituais. Os dois traços superiores representam a dualidade, *Tian* (Céu) acima de *Di* (Terra). Já os três traços inferiores representam o sol, a lua e as estrelas, ou seja, os sinais vindos do céu para a terra, reveladores de coisas transcendentais para os homens. A parte direita do ideograma significa ‘estender’, ‘esticar’ ou ‘explicar’. Nas ins-

crições primitivas são duas mãos puxando uma corda, o que dá a ideia de expansão ou, ainda, de trazer *Tian* para *Di*.

Dessa forma, Ferreira e Luz (2007) dizem que com a interpretação do ideograma de *Shen*, pode-se perceber suas relações com a cosmologia - a partir das categorias *Tian*(céu), *Di*(terra) e a criação do universo, bem como com outras categorias da Medicina Clássica Chinesa - como a de *Yin-Yang* que trata da dualidade.

De acordo com Jarret (2000, p.49), na cosmologia e sob o ponto de vista da filosofia daoísta, *Shen* seria uma força criadora, o brilho de *Tian* (céu), capaz de possibilitar a organização da vida. Sendo assim, *Shen* estaria diretamente relacionado com o surgimento e a manutenção da vida.

Para Eyssalet (2003, p.171) *apud* Ferreira e Luz (2007), em relação ao ser humano:

[...] *Shen* estaria presente desde a concepção do indivíduo, no encontro de células reprodutivas, no desenvolvimento embrionário, no crescimento da criança, em suas descobertas, possibilidades de interação com o mundo, sua evolução e morte, direcionando todos esses momentos.

He e Ne (1999, p. 6) traduzem *Shen* como espírito, discutindo que em sentido amplo, ele corresponde às manifestações exteriores das atividades vitais do corpo e abrange os sinais e sintomas das manifestações fisiopatológicas. Em sentido restrito, corresponde às atividades do pensamento consciente da mente.

Dessa forma, pela teoria da Medicina Tradicional Chinesa, *Shen* tem três significados:

a) Função de transformação material do mundo natural: as transformações do universo que criam todas as coisas da terra correspondem ao fenômeno denominado manifestações do espírito. Primeiro existe a forma do universo e depois as transformações do espírito.

b) Toda e qualquer atividade vital do organismo: a Medicina Tradicional Chinesa considera o corpo humano como um sistema integrado onde as energias *Yin* e *Yang* impulsionam as transformações e os movimentos da vida. Nesse sentido, as atividades vitais são basicamente denominadas espírito, ou seja, *Shen*, sendo este a essência da vida do corpo. Perdendo-se o *Shen* as atividades de energia cessam e a vida termina.

c) Consciência espiritual do homem: implica que a atividade espiritual da mais alta forma e grau é o pensamento. É do coração que se derivam as atividades do pensamento consciente do espírito do homem.

Ross (1994, p. 16) também usa o termo espírito para explicar o que é *Shen*, colocando-o como condição para vitalizar o corpo e a consciência, bem como para fornecer a força da personalidade. Desta forma, *Shen* seria o responsável pela vitalidade de todo o nosso corpo, nos dando consciência e personalidade.

Nessa forma de conceber, *Shen* implica na existência material do espírito, que é diferente da ideia ocidental. Assim, na Medicina Tradicional Chinesa, *Shen* (ou espírito) é uma parte integral do corpo e, portanto, não um aspecto separado dele.

Maciocia (2007, p. 57) traduz *Shen* como mente, colocando-o como uma das substâncias vitais para o ser humano, ou seja, como uma forma de *Qi*. Nesse caso, resumidamente, *Shen* seria o tipo mais sutil e imaterial do *Qi*.

Assim, *Qi*, *Jing* e *Shen* (mente) são denominados os três grandes tesouros da Medicina Tradicional Chinesa, caracterizando uma das principais noções desta ciência, com efeito: a integração íntima, indissociável, do corpo e da mente.

Autores como Maciocia (1996), Xinnong (1999), He (1999), Darella (2001) dizem que o modelo *Shen* tem dois significados:

- a) De forma ampla indica a aparência exterior das atividades vitais do corpo humano, tais como coloração da face, expressão dos olhos, força vocal, coerência da fala, movimentos dos membros e reações sensitivas.
- b) De forma restrita indica as atividades mentais, como consciência e pensamento, guardados em *Xin* (coração).

Nesse sentido, por exemplo, em relação ao diagnóstico a expressão ter *Shen* adquire significado de vitalidade, vida. Ao contrário, perder *Shen* representa apatia, morte.

O conceito de *Shen* está relacionado com o conceito de *Jing* (traduzido como essência). Na Medicina Tradicional Chinesa, existe o *Jing* do pai e o *Jing* da mãe, unidos formam o *Jing* de cada ser humano e, conseqüentemente, o *Shen*.

Após o nascimento este *Jing* é armazenado no sistema Rim (*Shen do Rim*), à qual será a base biológica do *Shen Mente*, armazenado e organizado no coração. (Maciocia, 1996).

Dessa forma, temos o *Shen rim* (uma espécie de fonte de energia herdada dos pais) e o *Shen coração* (relacionado com o conjunto das nossas atividades mentais). (DARELLA 2001).

De acordo com Maciocia (1996), as diferentes atividades mentais que compõe *Shen coração*, são: consciência, pensamento, memória, cognição, sono, inteligência, sabedoria, idéias e *insight*.

a) Pensamento: quando o *Shen* está forte o pensamento é claro, quando está fraco ou alterado o pensamento é lento e embotado.

b) Memória: a memória é uma das mais importantes atividades mentais, ela não depende apenas do *Shen do Coração*, mas também de outros *Zang (órgãos)*. A memória de trabalho relaciona-se com o sistema *Pi* (Baço), a memória de longo prazo pertence ao sistema *Xin* (coração) e a de curto prazo ao sistema *Shen* (Rim).

c) Consciência: indica a totalidade dos pensamentos, das percepções e estado de ser consciente. *Shen* é o responsável pela (re)cognição dos pensamentos, das percepções e dos sentimentos.

d) Insight: está relacionado com a capacidade de autoconhecimento e autorreconhecimento. No dia a dia o ser humano fica exposto a uma variedade de estímulos e sensações. *Shen* é quem reconhece e percebe todos eles. Porém, com relação às emoções, cada tipo de emoção afeta seu *Zang(órgão)* específico, sendo que a capacidade inicial de reconhecimento dessa emoção e a sua distribuição para o órgão específico é o *Shen* do coração (mente). Assim, a cognição significa a capacidade de *Shen* perceber e compreender os estímulos.

e) Sono: é outra condição que depende do estado de *Shen*. *Shen* calmo ou equilibrado causa um bom sono, ao contrário interfere na qualidade do sono ou causa insônia.

f) Inteligência: é uma atividade mental que não depende apenas do *Shen*, mas também do *Jing* hereditário. Porém, quando *Shen* e *Xin* são fortes o ser humano poderá ser inteligente e brilhante.

g) Ideias: os projetos e planos para a vida também dependem da função de *Shen*. Maciocia (1996) comenta que a sabedoria é proveniente de um *Xin* (Coração) forte e *Shen* saudável. Como *Shen* é responsável pela percepção e pelo conhecimento, a aplicabilidade destes, no dia a dia, de forma crítica, também depende do estado de equilíbrio *Shen*.

Pode-se verificar que *Shen* é um conceito ou uma categoria diretamente relacionada com as atividades mentais, estado de espírito e, também, com o funcionamento dos órgãos.

Nesse contexto, o sistema *Xin Shen* (coração) é fundamental para estruturar e organizar o equilíbrio vital, a partir de duas funções básicas: impulsionando o *Xue* (Sangue) para nutrir as

estruturas e servindo de “morada” do *Shen*. Dito de outra maneira, a relação de causalidade direta entre mente e encéfalo, perceptível em algumas discussões da Ciência cognitiva ocidental, é deslocada pela Medicina Tradicional Chinesa para a relação mente (*Shen*) e coração (*Xin*).

A partir do momento que o coração, “morada” do *Shen* (mente), impulsiona o sangue (*Xin*) e o espírito/mente (*Shen*) para os demais órgãos (sendo que cada um deles é responsável por um sentido), pode-se dizer que o *Shen* (mente) se relaciona com todas as demais funções humanas.

Assim, a visão que pertence ao sistema *Gan* (Fígado) necessita de *Xue* (Sangue) para ser nutrido e de *Shen* para reconhecer o estímulo visual. A audição que pertence ao sistema *Shen do Rim* também necessita de *Xue* para sua nutrição e de *Shen* para o reconhecimento auditivo. O mesmo processo ocorre com o olfato que pertence ao sistema *Fei* (Pulmão), o paladar (Língua - considerada o “broto de *Xin*”) e o tato. Com efeito, todos os sentidos necessitam de *Xue* (Sangue) para serem nutridos e *Shen* para serem percebidos, avaliados e compreendidos.

Além da relação direta de *Shen* com os órgãos e suas emoções e sentidos correspondentes, a Medicina Tradicional Chinesa discute outros conceitos que formarão *Shen* em sua totalidade e constituirão o espírito, são eles: *Hun* (Alma Etérea), *Pó* (Alma Corpórea), *Zhi* (Força de Vontade) e *Yi* (Intenção).

Entretanto, a tradução de *Shen* como espírito ou mente, seguindo as referências ocidentais do que concebemos como sendo espírito e mente, pode gerar vários equívocos na compreensão e na prática da Medicina Tradicional Chinesa. É fundamental considerar o conceito *Shen* a partir do contexto histórico, social e cultural que ele emergiu.

Nesse sentido, Ferreira e Luz (2007) discutem que a presença e a relevância da categoria *Shen*, nas seis dimensões da medicina chinesa (cosmologia, doutrina médica, dinâmica vital, dinâmica terapêutica, diagnose e terapêutica), contribuem para a sua estruturação como sistema médico complexo. Ou seja, compreender *Shen* de forma fragmentada poderá comprometer o desenvolvimento da Medicina Chinesa enquanto uma racionalidade médica.

A seguir, algumas considerações de Ferreira e Luz (2007) que aprofundam a discussão realizada até o momento, sobretudo, na compreensão de *Shen* enquanto categoria nas dimensões da dinâmica vital, morfologia, diagnose, doutrina médica e terapêutica.

3.1 SHEN NA DINÂMICA VITAL DA MEDICINA TRADICIONAL CHINESA

Shen é uma categoria atuante nos processos fisiológicos, que interfere direta e indiretamente no funcionamento orgânico. Diretamente por meio de funções específicas, como no caso da atuação sobre o ciclo vital. Indiretamente através, por exemplo, de sua função controladora das emoções. Porém, a tradução ou divisão de *Shen* em espírito ou mente “poderia comprometer o seu entendimento. Para Kaptchuk (1983, p.58) apud Ferreira e Luz (2007), *Shen* “é a capacidade da existência humana de ser um iniciante, um participante e um guardião do universo”. É, também, o que permite aos humanos inserir ou introjetar seu autêntico *self* em sua vida mundana e serem participantes em moldar seu destino”. O importante na tradução de *Shen* é compreender como a Medicina Chinesa buscou integrar os aspectos não físicos da pessoa na discussão sobre saúde e doença (Idem, p.59).

3.2 SHEN NA MORFOLOGIA

Na racionalidade oriental, a dimensão da morfologia associa-se à dimensão da dinâmica vital. Porkert (1974, p.XIV) apud Ferreira e Luz (2007) afirma que na Medicina Chinesa cada órgão é definido por seu papel específico no processamento, estocagem e distribuição da energia vital (que tem importante papel na manutenção da vida), e não por suas propriedades físicas. Assim, a anatomia, para essa racionalidade, é uma “combinação dinâmica de sistemas funcionais”. Nesse sentido, Maciocia (1996b, p.89) cita que a Medicina Chinesa, analisa os órgãos como “um sistema complexo, incluindo o aspecto anatômico e sua emoção, tecidos, órgãos dos sentidos, atividades mentais, cor, clima e demais correspondências”. Desta forma, *Shen* na dimensão da morfologia pressupõe conceber que não existe na racionalidade médica chinesa uma dicotomia entre mente e corpo. Ao estar relacionado às emoções e estas às funções anátomo-funcionais dos órgãos, *Shen* estaria em uma interação di-

nâmica com a morfologia. Assim, os quatro aspectos de *Shen* (*Hun, Po, Yi e Zhi*) se manifestariam e relacionariam estrutural e funcionalmente com cada um dos órgãos internos, ou seja, *Gan* (Fígado), *Fei* (Pulmão), *Pi* (Baço) e *Shen* (Rim).

3.3 SHEN NA DOCTRINA MÉDICA

A doutrina médica envolve o conceito de doença, suas causas, evolução e cura. A Medicina Chinesa caracteriza-se por uma multiplicidade de representações do que o Ocidente denomina 'doença' e 'cura'. Nesse contexto, a 'doença' é vista como desequilíbrio ou desarmonia. Assim, o raciocínio clínico, nessa perspectiva, não segue uma lógica de causa e efeito, à qual A causa B. Ao contrário, busca as possíveis relações entre A e B. Assim, a categoria *Shen*, no que diz respeito à doutrina médica da Medicina Chinesa, é vista como algo determinante dos processos de desequilíbrio e cura, uma vez que ele atua na vida humana desde a concepção até a morte. Resumidamente, *Shen* pode ser visto como uma espécie de regente dos processos corporais, relacionado tanto com as causas quanto com a possibilidade de cura de desequilíbrios. Com as causas devido à interferência que produz no estado emocional (que para a Medicina Chinesa é um importante motivo de desarmonia). Com a possibilidade de 'cura', porque atua no funcionamento de toda a dinâmica corporal e interfere emocionalmente no funcionamento de órgãos e vísceras.

3.4 SHEN NA DIAGNOSE

Na prática médica chinesa, o terapeuta observa no paciente sua forma de andar, sentar, falar, o brilho (ou não) do olhar, expressão facial, entre outros. Todos esses elementos são sinais para avaliação de *Shen* da pessoa. Nesse contexto, Ferreira e Luz (2007) citam três aspectos distintos que devem ser considerados, conforme Maciocia (2005, p.28): a corporificação do espírito, a vitalidade do espírito e o lustro (ou brilho natural) do espírito. (idem,

p.28-31). A corporificação do espírito é a manifestação física externa deste, expressa na compleição física, musculatura, expressão facial, olhar, movimentos e reflexos corporais. A vitalidade do espírito envolve a vitalidade geral de uma pessoa, manifestada no seu vigor mental, tom de voz, padrão respiratório e na clareza de pensamentos. O lustro do espírito é como o espírito está refletido na cútis, nos cabelos e nos olhos, dando brilho e vigor. A normalidade desses aspectos significam o bom funcionamento de órgãos e vísceras e de *Qi, Xue, Yin e Yang*, elementos importantes na dinâmica vital da medicina chinesa.

3.5 SHEN NA TERAPÊUTICA

Para Eyssalet (2003, p.247), *Shen* no plano terapêutico é a força criadora do paciente, à qual ele precisa mobilizar no sentido da cura. “O tratamento é inútil sem a convivência do *Shen* do paciente”. Esta afirmação pode aludir à ideia de correlação entre *Shen* e *Jing* (Essência) - determinante da forma e da constituição corporal, à relação de *Shen* com os *Zang-Fu* (órgãos e vísceras). Jarret (2003) propõe uma intervenção terapêutica focalizada em *Shen*. Este autor tem se dedicado ao estudo da Medicina Chinesa, buscando em seus textos tradicionais explicações e condutas práticas que valorizem mais a dimensão subjetiva de cada paciente, pretendendo recuperar a denominada *inner tradition* (tradição interna), ‘cujo foco terapêutico primário é ajudar o paciente a cumprir seu destino pessoal’. (idem, p.XXI). Nesse sentido, propõe pontos específicos de meridianos, os chamados *spirit points*, com funções específicas de interferência em *Shen*, o que, segundo o autor, pode ser determinante no desenvolvimento terapêutico. (idem, p.292). Zheng-Cai (1999, p.117) propõe que a terapêutica deve considerar os supostos movimentos de *Shen*. Segundo essa teoria, *Shen* circula pelo corpo obedecendo uma sequência de anos, dias e horas, fixando-se em áreas definidas. Aquelas áreas que receberiam *Shen* não deveriam ser agulhadas nesses períodos, sob pena de comprometer o efeito terapêutico. Essa proposição insere *Shen* na dimensão terapêutica, mas também na dinâmica vital. Desta forma, com base nas considerações realizadas até o momento, cabe indagar qual a relação que existe entre o *Shen* e o que conhecemos no Ocidente como *Mente*? A princípio, ambas as palavras tratam de manifestações do ser humano

frente à determinada situação, seja em forma de pensamentos, atitudes, palavras, emoções, entre outras. Por essa razão, quem sabe, *Shen* e mente são utilizados como sinônimos.

Porém, tanto na ciência cognitiva ocidental quanto na Medicina Tradicional Chinesa, mente ou *Shen*, respectivamente, não são conceitos fechados, independentes do contexto histórico, social e cultural. Desta forma, parece mais adequado pensar em *mente* ou *Shen* como um fenômeno biopsicossocial.

4 A MENTE HUMANA: DIFERENÇAS E INTERFACES ENTRE A CIÊNCIA COGNITIVA OCIDENTAL E A MEDICINA TRADICIONAL CHINESA

A análise comparativa entre a Ciência cognitiva ocidental e a Medicina Tradicional Chinesa, realizada nesse estudo, será apresentada, de forma sintética, no quadro a seguir.

Ciência Cognitiva			Medicina Tradicional Chinesa
Cognitivismo	Conexionismo	Enacção	
A Mente é caracterizada por atividades cognitivas biologicamente inatas , como atenção, pensamento, linguagem, inteligência, memória etc.	A mente é caracterizada por atividades cognitivas socialmente construídas , como atenção, pensamento, inteligência, linguagem, memória etc.	A mente é caracterizada por atividades cognitivas que emergem da consensualidade entre um organismo autopoietico e as interações sociais , como atenção, pensamento, inteligência, linguagem, memória etc.	Não existe uma palavra para designar mente. O termo <i>Shen</i> foi ocidentalizado tanto como mente quanto espírito. <i>Shen</i> tem três funções: transformação material do mundo natural; toda e qualquer atividade vital do organismo (sendo que o corpo humano é um sistema integrado onde as energias Yin e Yang impulsionam as transformações e os movimentos da vida); e consciência espiritual, sendo que a atividade espiritual da mais alta forma e grau é o pensamento , que deriva do coração.
As atividades cognitivas envolvem a capacidade de representar, ou seja, internalizar internamente o mundo externo .	As atividades cognitivas envolvem a representação, ou seja, reconstruir internamente o mundo externo .	As atividades cognitivas não são representações, porque o nosso organismo é autopoietico. Ocorre uma configuração a partir de relações consensuais e recorrentes do organismo vivo com as experiências humanas .	A mente envolve o <i>Jing</i> herdado dos pais, que após o nascimento é armazenado no sistema <i>Shen do Rim</i> , à qual será a base biológica do <i>Shen Mente</i> (no coração), que permitirá atividades mentais como a consciência, pensamento, memória, cognição, sono, inteligência, sabedoria, ideias e <i>insight</i> .

As discussões estão centralizadas no encéfalo, como órgão responsável ou a morada da mente. Noção localizacionista , ou seja, existe uma área para cada função.	As discussões estão centralizadas no encéfalo, como órgão responsável ou a morada da mente. Noção conexcionista , ou seja, as funções estão associadas à rede neuronal plástica (uma área é capaz de aprender a exercer outra função).	Questiona a centralidade dos debates no encéfalo. Discute que a mente humana emerge da experiência humana, da forma de viver. Por isso ela não está no encéfalo.	Centralidade no coração. O coração é a “morada” do Shen (mente) , que impulsiona o sangue (<i>Xin</i>) e o espírito/mente (<i>Shen</i>) para os demais órgãos sendo que cada um deles é responsável por um sentido e uma emoção.
A maior parte das explicações sobre mente seguem uma noção dicotomizada, ou seja, corpo/mente.	A maior parte das explicações sobre mente seguem uma noção dicotomizada, ou seja, corpo/mente.	Não existe dicotomia corpo/mente, mas a noção dualista <i>ser vivo e ser humano, como coisas distintas, embora entrelaçadas.</i> Nesse entrelaçamento a mente humana se configura.	Não existe dicotomia corpo/mente. O <i>Shen</i> circula por todo o corpo, como parte integrante, constituinte e organizadora dele.

Quadro 1 - Análise comparativa entre a mente humana na Ciência Cognitiva Ocidental e na Medicina Tradicional Chinesa.

Fonte: Elaboração dos autores, 2011.

Com base nos dados acima, contata-se que:

- a) A Ciência Cognitiva Ocidental compreende a mente humana de três diferentes formas, como representação interna do mundo externo, que se organiza de forma localizada no encéfalo e se manifesta através de várias funções cognitivas (primordialmente biológicas); como reconstrução interna do mundo externo, que se organiza no encéfalo em forma de uma rede neuronal cuja principal característica é a plasticidade, e se manifesta através de várias funções cognitivas (primordialmente sociais); e como configuração das experiências sociais consensuais e recorrentes que se constituem e se manifestam na forma do ser humano ser e viver.
- b) A Medicina Tradicional Chinesa não tem uma palavra para designar mente, embora o termo *Sheng* seja utilizado no Ocidente como sinônimo. Porém, *Shen* não é um conceito fechado, ao contrário é uma categoria ampla, que vai além de significar uma função cognitiva ou emocional humana. De forma geral, envolve desde a transformação material do mundo natural, passa por toda e qualquer atividade vital do organismo – enquanto sistema integrado onde as energias *Yin* e *Yang* impulsionam as transformações e os movimentos da vida, até a consciência espiritual. Assim, *Shen* (mente) não é oposição ao corpo e tampouco uma mera parte ou função dele.

c) Comparando a Ciência Cognitiva Ocidental e a Medicina Tradicional Chinesa, percebe-se que a abordagem cognitivista da enacção se aproxima desta última, sobretudo, no que diz respeito a não adotar uma noção dicotômica corpo/mente, não colocar a mente em uma relação de causalidade direta com o encéfalo e de valorizar o viver e a experiência humana como elementos constituintes e manifestadores da mente. Entretanto, outros estudos se fazem necessário para comparar detalhadamente essas racionalidades, em especial, as relações entre o sistema autopoietico discutido por Maturana e Varela e o sistema *Shen*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto a Ciência Cognitiva Ocidental define a mente humana em três diferentes perspectivas, conforme discutido anteriormente, a Medicina Tradicional Chinesa não tem uma palavra para designar aquilo que o Ocidente denomina como mente. Porém, *Shen* tem sido utilizado como sinônimo. *Shen* é uma força criadora, que orienta toda a vida do ser humano, é a transformação material do mundo natural, atividade vital do organismo e consciência espiritual.

Nesse sentido, *Shen* não se restringe às funções cognitivas, como pensamento, inteligência e memória, vai além.

Mente para a Ciência Cognitiva Ocidental e *Shen* para a Medicina Tradicional Chinesa podem se referir ao(s) mesmo(s) fenômeno(s) ou partes dele(s), mas envolvem observações e experiências diferentes sobre este(s) fenômeno(s). Dito de outra maneira, o contexto social, cultural e político em que mente ou *Shen* são pensados e analisados não podem ser desconsiderados.

Nesse sentido, mais importante do que apenas utilizar *Shen* como sinônimo de mente é compreender essa categoria da Medicina Tradicional Chinesa como algo relacionado à constituição cósmica, isto é, terra, céu e ser humano. A partir disso, avaliar sua aplicabilidade no campo da ciência cognitiva.

Para concluir, a questão mais importante nesse estudo comparativo inicial foi perceber que tanto na abordagem da enacção (na Ciência Cognitiva Ocidental) quanto na Medicina Tradi-

cional Chinesa a centralidade da noção de representação e de causalidade direta com o encefalo são questionadas e reorientadas, permitindo, por exemplo, pensar outras formas de atuar no desenvolvimento e cuidado da mente humana. Desta forma, sugere-se estudos comparativos entre a abordagem cognitivista da enacção e a Medicina Tradicional Chinesa.

REFERÊNCIAS

DAMÁSIO, Antônio. **Mistérios da consciência: do corpo e das emoções para o conhecimento de si.** Trad. de MOTTA, Laura T. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DARELLA, M. L. **Efeitos da Acupuntura na qualidade de vida relacionada á saúde na dor Crônica em ambulatório da rede pública de Florianópolis.** 2000. 130 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

HE, Yin Hun, NE Zhang Bai. **Teoria básica de Medicina Tradicional Chinesa.** São Paulo. Huang Di Nei Jing. Su Wen. Madrid: Mandala Ediciones S.A. 1992. p. 567-573.: Ed Atheneu. 1999. p. 1-17.

JUNIOR, José Proveti Junior. Reflexões sobre o Conceito de Mente. Leituras Cotidianas, nº 238, 25 de Abril de 2006. **Pausa para filosofia.** Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/053/53provettjr.htm>>. Acesso em: 06 out. 2009.

PACHECO, Roberto. **Reabilitação fonoaudiológica do afásico em uma perspectiva focalizada no cotidiano.** 2004. 203 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), 2004.

FERREIRA, Claudia dos Santos; LUZ, Madel Therezinha. Shen: categoria estruturante da racionalidade médica chinesa. **História, Ciências, Saúde.** Manguinhos, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.863-875, jul.-set. 2007.

JARRET, Lonny S. **Nourishing destiny: the inner tradition of Chinese medicine.** Massachusetts: Spirit Path Press, 2000.

MACIOCIA, Giovanni **A prática da medicina chinesa: tratamento de doenças com acupuntura e ervas chinesas,** Trad. Tânia Camargo Leite. São Paulo: Roca, 1996.

_____. **Os fundamentos da medicina chinesa: um texto abrangente para acupunturistas e fitoterapeutas.** Trad. M.D. Farber. São Paulo: Roca, 1996.

_____. **Diagnóstico na medicina chinesa** - um guia geral. Trad. Maria Inês G. Rodrigues, São Paulo: Roca, 2005.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. MAGRO, C. e PAREDES, V. (Orgs.) Belo Horizonte: Ed. da Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

_____. **A ontologia da realidade**. MAGRO, C, GRACIANO, M e VAZ, N.(Orgs). Belo Horizonte: Ed. da Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

_____. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Trad. FORTES, José Fernando C. Belo Horizonte: Ed. da Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.

XINNONG, C. **Acupuntura e Moxibustão Chinesa**. São Paulo: Ed. Roca. 1999.